

Musicartechnologia

Filosofia- Teoria do Conhecimento

Estudos

01/08/2016

Musical Mendelssohn

Prof. Elizeu Monteiro de Oliveira



Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.

Técnica Vocal com praticas de solfejos.

Pratica Instrumental: Cordás, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)

Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-

Fone: 3841-2361 ou 981364821

FILOSOFIA- TEORIA DO CONHECIMENTO

O Conhecimento Mítico na Grécia Antiga

Sem entrar na discussão de onde teria iniciado a Filosofia, se no oriente ou no ocidente, uma vez que ambas as teses contam com ardorosos defensores, para essa disciplina, o mais importante é começar a examinar como, entre os gregos (onde o conhecimento adquirido começa a dar à Filosofia a forma como a conhecemos), eles tratavam do conhecimento.

Quando falamos de conhecimento na Grécia Antiga, não podemos nos esquecer do conhecimento pré-filosófico, qual seja o conhecimento mítico. Há, em torno da mitologia, uma discussão se ela oferecia ou não um bom conhecimento para o homem grego. E também há o debate sobre as diferenças e semelhanças entre o conhecimento mítico e o científico. Nesse sentido, alguns autores questionam se teria havido ou não uma ruptura na passagem do conhecimento mítico para o conhecimento filosófico e científico.

Sem aqui nos importar tanto com os inúmeros argumentos desse debate, vale a pena atentar para um deles, que é próprio ao conhecimento de um modo geral: a busca das causas. Nesse sentido, no conhecimento mítico buscam-se as causas para explicar os fenômenos assim como ocorre no conhecimento filosófico e científico. Mas aqui reside um ponto de diferença entre ambos os tipos de conhecimento.

Nos mitos gregos (lembramos que mito é uma narrativa que busca explicar a origem das coisas: dos deuses, dos homens, do mundo, etc.) encontramos a preocupação de explicação dos fenômenos naturais. Uma das características do conhecimento mítico é que se encontrava nos deuses as causas para o que ocorre na natureza. Na cultura politeísta grega, o discurso mítico encerra nos deuses as causas dos fenômenos. Estes não eram explicados através de causas naturais.



Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.

Técnica Vocal com praticas de solfejos.

Pratica Instrumental: Cordás, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)

Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-

Fone: 3841-2361 ou 981364821

Dois autores gregos exerceram grande influência para a formação das comunidades gregas e para a produção do conhecimento nelas: Hesíodo e Homero. Em Hesíodo encontramos o mito da criação do mundo, onde se trata do conhecimento da geração dos deuses, de suas hierarquias, suas genealogias, sendo possível a explicação de como se comporta a natureza, como nela se dá o jogo e também a explicação do homem diante do universo. Conhecendo a vida no Olimpo seria possível ao homem melhor explicar os porquês (isto é, buscar as causas) dos fenômenos. Com isso, sendo possível aumentar o repertório do conhecimento humano.

É importante sabermos que se atribui a Homero a autoria de dois célebres textos antigos, a *Ilíada* e a *Odisseia*, nos quais se pode perceber como os gregos acreditavam na intervenção (seja benéfica ou maléfica) dos deuses: como se o homem fizesse parte de um jogo de xadrez, no qual os deuses mexiam as peças desse jogo como bem quisessem, moldando a vontade dos homens e os seus destinos. Em Homero, a compreensão do comportamento humano e dos fenômenos naturais passava pela compreensão dos desígnios dos deuses.

O conhecimento físico dos pré-socráticos

Começando a escapar do conhecimento mítico, tratando de um conhecimento mais 'científico', no qual se busca a causa das coisas não em deuses, mas na própria composição interna das coisas, isto é, na busca de um conhecimento propriamente físico, os jônios, da escola naturalista (na qual, os filósofos voltavam a busca do conhecimento para o mundo exterior), tentaram encontrar um princípio único de todas as coisas.

A investigação naturalista é semelhante, em certa medida, à investigação moderna dos físico-químicos, que tentam buscar o conhecimento sobre as menores partículas da matéria para descobrir, em grande medida, o comportamento dos corpos compostos dessa matéria. Se os modernos vão encontrar nos átomos e nas suas partículas possibilidades de explicar o comportamento dos corpos (constituídos pelos átomos), os naturalistas também assim o farão, tentando descobrir de que os corpos são constituídos, para então ter conhecimento sobre como esses corpos investigados se portam.



Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.

Técnica Vocal com praticas de solfejos.

Pratica Instrumental: Cordás, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)

Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-

Fone: 3841-2361 ou 981364821

Se os modernos descobrem que determinado corpo é, por exemplo, constituído de água, e que a água é composta de moléculas em que há tanto átomos de oxigênio como também de hidrogênio, conhecendo as propriedades, conhecendo como se comporta a molécula de água (isto é, como reage a composição de oxigênio e hidrogênio), será possível descobrir como comportar-se-á um corpo composto de água. Esse princípio de que descobrindo como se comporta os elementos que constituem os corpos possibilitará a compreensão de como se comportam os corpos motiva a busca da escola naturalista para encontrar a substância última das coisas, ou seja, seus elementos constitutivos.

Os jônios acharam a substância última de todas as coisas em uma única matéria, animada por uma força interior. Para Thales de Mileto (conhecido, sobretudo, por ser filósofo e matemático), a água era a matéria única que formava todas as coisas. Pela observação (portanto por um método indutivo e não dedutivo), ele percebe que:

(...) o quente vive com o úmido, as coisas mortas ressecam-se, as sementes de todas as coisas são úmidas e todo alimento é succulento. Onde é cada coisa, disto se alimenta naturalmente: água é o princípio da natureza úmida e é continente de todas as coisas; por isso supuseram que a água é princípio de tudo e afirmam que a terra está deitada sobre ela. [Pré-Socráticos, 1991, p.7].

Essa busca do conhecimento das substâncias que compõem a matéria se torna uma investigação própria aos filósofos pré-socráticos denominados (por Aristóteles) físicos. Para Anaximandro, o elemento principal era indeterminado, infinito, e sempre em movimento. Anaxímenes julgava o ar, a substância primordial. Empédocles aponta para a combinação de quatro elementos: água, terra, fogo e ar, que, quando combinados entre si, compunham a natureza. Anaxágoras e Demócrito já falavam em átomos, dois mil anos antes dos cientistas.

Outra escola pré-socrática, a pitagórica, fundada por Pitágoras, tendia a encontrar a essência da realidade nos números, isto é, nas relações matemáticas. Para explicar a multiplicidade e o *vir-a-ser* (devir; mudança), o pitagorismo recorre à luta dos opostos, pares e ímpares, paradigma da estrutura do mundo físico. Lembremos que Galileu, na modernidade, sustentou que o mundo foi escrito em caracteres matemáticos, que, portanto, descobrindo como fazer a leitura desses caracteres, seria possível entender o mundo, seria possível desvelar como os corpos se comportam.



Cursos Livres de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.

Técnica Vocal com práticas de solfejos.

Prática Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)

Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-

Fone: 3841-2361 ou 981364821

Os pré-socráticos, a partir da observação dos fenômenos da natureza, tentaram compreender o mundo e podem ser considerados os pioneiros da ciência na busca do conhecimento.

Será possível o conhecimento da natureza, segundo Heráclito e Parmênides?

Heráclito foi discípulo de Pitágoras e, para ele, no que diz respeito à busca da substância que compõe todas as coisas, a primeira substância é o fogo, símbolo da inquietação, da não permanência, do processo, do movimento, da transformação.

Para Heráclito, tudo na natureza é fluido, tudo estava em devir, em transformação. Heráclito, conhecido como 'o obscuro' é o autor da célebre frase que 'o homem não se banha duas vezes nas águas de um mesmo rio'. Isso porque, na segunda vez que ele entra no rio, este não será o mesmo, se está em constante processo de transformação. Nem mesmo o homem, a rigor, será o mesmo, se também está em transformação. A forte tese de Heráclito implica na impossibilidade de conhecer de modo seguro e duradouro qualquer coisa natural em transformação.

Parmênides, autor da célebre frase 'o ser é; o não ser não é', observa que é necessária certa identidade para que seja possível o conhecimento, ou seja, é mister que algo permaneça constante. No fluxo perpétuo (isto é, no processo constante de transformação) não há conhecimento possível. Só pode haver conhecimento seguro daquilo que permanece constante. Valendo-nos do exemplo acima mencionado: é preciso que na maçã, ainda que ela esteja em processo de transformação, algo permaneça inalterável, para do que é inalterável se poder afirmar com segurança o que ele é.

Mas Parmênides também percebe uma grande dificuldade para o conhecimento das coisas em transformação. No caso da maçã, apenas o que nela é inalterável permite o conhecimento seguro e duradouro do que ela é. Por mais que ela se modifique, ela ainda continua sendo maçã. Sobre as suas qualidades perdidas não se pode falar nada de modo seguro, mas ainda se pode dizer, com segurança, que ela é maçã. Para Parmênides, diferentemente do que ocorria em Heráclito, é possível obter conhecimento seguro sobre as coisas em transformação. Mas esse conhecimento é bem restrito. Para Parmênides, é possível elaborar apenas proposições



Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.

Técnica Vocal com praticas de solfejos.

Pratica Instrumental: Cordás, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)

Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-

Fone: 3841-2361 ou 981364821

tautológicas (tauto = mesmo; lógica = discurso) sobre as coisas, isto é, discursos que dizem a ‘mesmidade’. Assim, seria lícito afirmar que cadeira é cadeira ou mesa é mesa.

Mas isso é ainda muito limitado. É preciso que possamos predicar não apenas tautologicamente sobre as coisas, mas que possamos também predicar seus atributos. Entendamos isso: na formulação de um juízo predicativo, o verbo ‘ser’ pode ser empregado em três sentidos distintos: enquanto existência, como quando dizemos que algo é: a mesa é (estamos, com isso, dizendo que a mesa é algo existente). O segundo emprego possível do verbo ‘ser’ seria enquanto expressando identidade, como vimos em Parmênides. Assim, digo que a cadeira é a cadeira, ou a mesa é a mesa.

Por fim, em um terceiro sentido, o verbo ‘ser’ pode ser empregado no sentido de cópula como quando dizemos, por exemplo, que a cadeira é azul. Notemos que *cadeira e azul* são duas coisas radicalmente distintas. A primeira é uma substância; a segunda, uma qualidade, uma cor. No processo de predicação do azul à cadeira, estamos dizendo que essa substância cadeira possui o atributo azul.

Predicar os objetos empregando o verbo ‘ser’ no sentido de cópula, isto é, atribuir alguma qualidade às coisas faz-se necessário para poder elaborar um repertório de conhecimento sobre o mundo. Mas essa possibilidade foi descartada por Heráclito e por Parmênides. Esse problema, deixado por ambos os filósofos pré-socráticos, vai repercutir em toda a Teoria do Conhecimento posterior.

Acompanhemos na sequência, na filosofia socrático-platônica, como o problema é equacionado.

A distinção entre mundo sensível e mundo das ideias na filosofia socrático-platônica.

São muito comuns os comentários acerca da distinção entre mundo sensível e o mundo das ideias na filosofia socrático-platônica. Em que consiste essa distinção? Ela pode ser analisada de múltiplas perspectivas distintas. Aqui vamos analisá-la a partir do problema deixado por



Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.

Técnica Vocal com praticas de solfejos.

Pratica Instrumental: Cordás, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)

Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-

Fone: 3841-2361 ou 981364821

Heráclito e por Parmênides sobre como é possível a predicação dos objetos naturais em constante processo de transformação.

De modo esquemático, observemos primeiro que o mundo sensível é uma cópia imperfeita do mundo ideal, das ideias, e que este é que possibilita o conhecimento do mundo sensível.

Através dos nossos sentidos, percebemos os objetos. Com os olhos, por exemplo, percebemos uma cadeira, a sua forma, a sua cor; sentimos o seu cheiro pelo olfato, etc. A cadeira que percebemos é uma cópia imperfeita da cadeira ideal, que regula a nossa compreensão do que seja uma cadeira.

Façamos a seguinte distinção para entender o que isso significa: uma cadeira do mundo sensível possui qualidades que lhe são próprias, enquanto cadeira (qualidades essenciais) e outras qualidades (acidentais a ela) que a ela pertencem, mas que não são responsáveis por reconhecermos tal objeto como cadeira. Se uma cadeira necessita ter pés, encosto, assento e se tem determinada função, essas qualidades constituem a sua essência, formam a ideia de cadeira.

Por outro lado, a cadeira (no mundo sensível) pode ser azul, ser de madeira, ter formato do assento quadrangular, ter 1 quilo, etc. Essas qualidades lhe são acidentais, isto é, não são elas que fazem o objeto em questão ser cadeira. Se a cadeira particular sensível fosse vermelha, de ferro, tivesse seu assento em formato circular e pesasse meio quilo, ainda assim seria cadeira. As qualidades acidentais de uma cadeira podem ser de qualquer tipo, pois não são elas que regulam o nosso conhecimento do que é a cadeira. Quem regula esse conhecimento são as suas qualidades essenciais, que compõem a ideia de cadeira.

Se há a alteração de qualquer qualidade accidental (por exemplo: se eu pinto uma cadeira ou a deixo mais pesada), um objeto (no caso em questão a cadeira) não deixa de ser o que é. Mas se eu altero alguma característica da sua ideia, se eu altero alguma característica que lhe é essencial (se eu retiro o assento do objeto, por exemplo), aí então o objeto deixa de ser o que é (no exemplo em questão, deixa de ser cadeira, pois ele não corresponde mais à ideia de cadeira).



Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.

Técnica Vocal com praticas de solfejos.

Pratica Instrumental: Cordás, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)

Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-

Fone: 3841-2361 ou 981364821

O mundo das ideias, o mundo das essências, é o mundo que regula o conhecimento do mundo sensível. Este é uma réplica imperfeita daquele. As coisas no mundo sensível possuem seus acidentes (que podem se transformar sem causar qualquer dificuldade para o reconhecimento do objeto) e seus atributos essenciais (esses sim permitem o reconhecimento do objeto), os quais são os que compõem a ideia, a essência do objeto.

As Ideias possibilitando o Conhecimento.

A fim de compreendermos como as ideias regulam o conhecimento do mundo sensível, imaginemos uma criança recém-nascida começando a distinguir e identificar as coisas. Imaginemos agora a mãe dessa criança aparecendo na frente dela várias vezes por dia e dizendo a palavra 'mamãe' todas as vezes que aparece.

É de esperar que, em certo momento, a criança passe a associar aquela pessoa à palavra 'mamãe'. É também bem provável que ela passe a chamar aquela pessoa de 'mamãe'. Mas isso ainda não significa ainda que a criança conheça aquela pessoa como mãe, justamente pelo fato de a criança ainda não ter a ideia de mãe.

Se outra mulher, que também é mãe, aparecesse na frente dessa criança, provavelmente ela não a reconheceria como mãe, pois, para ela, mãe é aquela primeira mulher. Somente quando a criança formar a ideia de mãe (lembramos que as ideias regulam o conhecimento das coisas do mundo sensível, em Platão) ela terá condições de perceber como mãe várias mulheres diferentes, podendo distinguir qual é e qual não é mãe. Para tal, bastará procurar em cada mulher se ela possui as qualidades próprias à ideia de mãe. Se mãe é, por exemplo, a mulher que teve biologicamente um filho, então a criança, descobrindo se uma mulher possui biologicamente ou não um filho, saberá se ela é ou não mãe. Notemos que apenas tendo a ideia de mãe ela poderá reconhecer alguma mulher como mãe.

Do mesmo modo, imaginemos uma mãe que diga a um filho para comprar abacate no supermercado. Se o filho não tiver a ideia de abacate, se não souber das qualidades que constituem a ideia do abacate, não poderá reconhecê-lo. De posse da ideia, sabendo que o



Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.

Técnica Vocal com praticas de solfejos.

Pratica Instrumental: Cordás, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)

Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-

Fone: 3841-2361 ou 981364821

Para isso, Aristóteles elabora os conceitos de ato e de potência. Algo é não apenas aquilo que ele é em ato, mas também aquilo que ele poderá vir a ser, ou seja, aquilo que ele é em potência. Assim, o menino que poderá vir a ser homem, ou a semente que poderá se tornar planta, não acarretariam qualquer contradição em suas alterações. A semente seria semente em ato, mas planta em potência, assim como o menino seria menino em ato e homem em potência. O ente seria dito não apenas aquilo que ele é em ato, mas também em potência. Conhecer o que algo é pressupõe conhecer não apenas o que ele é em ato, mas também o que ele é em potência.

O outro modo de falar dos entes seria, segundo a verdade ou a falsidade, no âmbito das proposições. As coisas em si não seriam nem verdadeiras nem falsas. Verdadeiras e falsas seriam as proposições que se reportam às coisas. Uma proposição seria verdadeira quando se afirma que está unindo o que está unido, e separando o que está separado; e falso quando se afirma que está separado o que está unido e unido o que está separado. O domínio lógico é distinto do ontológico, mas, em Aristóteles, é possível dizer o ente em ambos os domínios.

Começamos aqui a notar uma grande novidade de Aristóteles em relação ao modo como poder falar sobre as coisas, em relação ao modo como podemos conhecê-las. Na linguagem aristotélica, o ente é dito de múltiplos modos: segundo a substância (lembramos que o termo por ele utilizado é 'ousia', que, no contexto da nossa discussão, pode ser mais bem traduzido por essência) e as outras categorias; segundo o ato e a potência ou ainda segundo a verdade ou a falsidade. Isso significa que o conhecimento pode ser de várias perspectivas diferentes.

Com isso, não há problema em apresentar a essência da semente e do menino, por exemplo, e sustentar que eles são planta e homem em potência.

A Potência da perspectiva da Teoria do Conhecimento

A potência figura como o intermediário entre o não ser e o ser. Ela faz a ponte entre ambos. Distinta de ambos, a potência está mais próxima de cada um deles (o ser e o não ser) que eles em relação a si mesmos. A potência seria ser em relação ao não ser. Se o não



Cursos Livres de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.

Técnica Vocal com práticas de solfejos.

Prática Instrumental: Cordas, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)

Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-

Fone: 3841-2361 ou 981364821

ser for a inexistência, a ausência, a potência já é algo, muito embora ainda virtualmente, ainda em estado possível. Do não ser não podemos dizer afirmativamente nada, uma vez que ele não é. Do não ser só poderíamos afirmar (portanto ter conhecimento) negativamente, afirmar o que ele não é. Qualquer afirmação positiva não se trata sobre o não ser, mas sobre o ser. Diferentemente, o que é em potência, de certo modo, virtualmente, já é. Do que é em potência podemos fazer afirmações positivas, podemos ter, portanto, certo conhecimento.

Se, em relação ao não ser, a potência é (de certo modo) ser, em relação ao ser, ela é não ser. Se considerarmos o ser como algo em ato, isto é, com seus atributos, com as suas características, com as suas qualidades, enfim, algo definido, portanto passível de ser conhecido, em relação a ele a potência é não ser, pois ela é em grande medida indefinida, sua realidade é apenas virtual, não efetiva. A potência, que está entre o não ser, a ausência (portanto a negação da existência), e o ser (a existência efetiva, com suas determinações), é o que começará a possibilitar Aristóteles a oferecer sólidos argumentos para justificar como é possível a mudança na natureza, e como poderemos conhecê-la.

O modelo construtivista de ciência

A produção do conhecimento científico, hoje, pode ser dada através da experiência e também da razão. Se aceita o conhecimento adquirido pela experiência, devido à fácil constatação da grande contribuição que o modelo experimental pode oferecer aos avanços científicos, seja dando elementos para a formulação de hipóteses, seja através da possibilidade de comprovações de teorias elaboradas. Por outro lado, apreende-se também, facilmente, o modelo racionalista segundo o qual a razão pode ofertar elementos para a elaboração de teorias e comprovações racionais para leis científicas elaboradas.

Apesar de não trazer muitas modificações em relação aos modelos empirista e racionalista de ciência, o novo modelo abandona a ideia clássica de um modelo realista, nos moldes aristotélicos, segundo o qual havia a crença de que seria possível, ao homem bem instruído,



Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.

Técnica Vocal com praticas de solfejos.

Pratica Instrumental: Cordás, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)

Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-

Fone: 3841-2361 ou 981364821

ter acesso às coisas tais quais elas são desde que se cercasse de alguns cuidados. Ele teria de se valer de bons princípios lógicos e de bons modelos investigativos para a comprovação das hipóteses levantadas. Segundo esse modelo, haveria a crença de que o homem de ciência poderia descobrir as regras internas da natureza que presidem os comportamentos (daí eles serem regulares) dos corpos. Segundo esse modelo, o homem de ciência desvelaria o mundo e leria os mecanismos internos de funcionamento da natureza.

Hoje, com o novo modelo de ciência, há a tendência a não acreditar, primeiro, que a natureza possui, de fato, regras internas que presidem o comportamento dos corpos. Mas, se de fato elas existem, não se acredita que seja possível que o homem, por mais cultivada que tenha sido a sua 'razão científica', ter acesso a elas. Isso significa que, se a natureza tem regras, elas são vedadas aos homens, mesmo os de ciência. Mas, então, como a ciência avança? Como elaborar uma lei que diz respeito ao comportamento dos corpos?

A ciência através de um modelo indutivo e experimental avançou detectando regularidades no comportamento dos corpos. Observou-se que determinado corpo tem certo comportamento regular em tais e tais circunstâncias. Fizeram-se inúmeras experiências. Se a regularidade for mantida, então ela é generalizada e, a partir daí, cria-se uma 'lei', uma fórmula, cria-se proposições para dar conta do fenômeno, para dar conta da regularidade do fenômeno.

O que se alcança não são as regras internas (se é que elas existem) que estão determinando tal comportamento dos corpos, mas tão somente se detecta certa regularidade do fenômeno e criam-se, a partir dessa constatação externa (não interna, das regras determinantes do fenômeno), leis e/ou proposições que procuram dar conta do fenômeno, do comportamento dos corpos.

O que é conhecimento e como Gramsci apresenta uma teoria do conhecimento.



Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.

Técnica Vocal com praticas de solfejos.

Pratica Instrumental: Cordás, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)

Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-

Fone: 3841-2361 ou 981364821

O conhecimento é a técnica de associação, verificação de calculo ou previsão controlável ou percepção de um objeto (entidade, coisa, fato ou propriedade), respeitando sempre o pessimismo da inteligência (conhecer) e o otimismo da vontade (agir).

Mito - Tudo o que esta em sua volta - Pré Filosófico.

O conhecimento mítico (nos deuses – o mundo sensível) - Parmênides ‘o ser é; o não ser não é’.

O físico - científico (no mundo exterior) – Heráclito “não interessa o conhecimento falso nem o de validade de curto prazo onde está em constante processo de transformação ou acidentes”. Aristóteles “todas as coisas mutáveis são constituídas de atributos essenciais e atributos acidentais”.

Gramsci, de fato, fala de um novo tipo de filósofo, do “filósofo democrático” que, consciente de que “todo mestre é sempre aluno e todo aluno mestre” (Q 1330-2).

Menciona ainda que devemos ter o bom senso critico respeitando o saber popular, avaliando opiniões e crenças.

Explica a necessidade de adquirir disciplina no estudo.

Conhecimentos:

Sentidos: conhecer o mundo sensível.

Empirismo: O conhecimento tem seu começo nos sentidos, ele necessita da experiência externas e internas e demonstrações. Surgiu na Inglaterra.

Filósofos:

Hume- Impressões que temos ao entrar em contato com os objetos: Lembranças; Causa e efeito;



Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.

Técnica Vocal com praticas de solfejos.

Pratica Instrumental: Cordás, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)

Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-

Fone: 3841-2361 ou 981364821

Lock (mediantes ideias ou sensações e reflexões) **Imaginação:** faculdade do conhecimento de produzir novos elementos. Ex: de um pássaro faço um cavalo alado ou de homem com asa criar um anjo. **Ideias:** Simples: que não pode ser decomposta, Ex: As cores. Compostas: formada por diversas ideias simples, Ex: substancia.

Racionalismo ou Razão: Faculdade responsável pelo conhecimento; Toda a apreensão sensível feita só pode conduzir a simulacros, ou seja, para nos enganar; Colocar as coisas em ordem; Uma coisa que vai a outra; Projeções; Raciocinar; Cria instrumentos para a produção de conhecimentos; Esses instrumentos muitas vezes apresentarão insuficiência. A lógica é um instrumento da razão. Pode ser Indutivo, ou seja, do particular ao universal; Generalização; Universalização, Problema: uma mera generalização. Dedução: vai do universal ao particular;

Filósofos:

Platão- (Discurso dialético; condições de se chegar às ideias únicas, ao verdadeiro conhecimento)

Descartes- (Submete à análise as diversas faculdades do conhecimento; Preocupa-se em encontrar uma base segura para o conhecimento; Os sentidos não são fontes seguras para o conhecimento; A razão possibilita demonstração e o bom conhecimento. Penso, logo existo “Cogito, ergo sum”). Os sentidos, a noção da realidade, a própria matemática com o argumento do gênio maligno, são postos em questão.

Aristóteles - Silogismo (a partir das premissas, extraem-se outras ideias, que decorrem da anterior, expressas em uma preposição denominada conclusão- Todos os homens são mortais/Sócrates é homem= Sócrates é mortal. Princípios de identidade; De não contradição e do terceiro excluído.). Tudo o que esta no mundo tem uma razão.



Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.

Técnica Vocal com praticas de solfejos.

Pratica Instrumental: Cordás, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)

Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-

Fone: 3841-2361 ou 981364821

Céticos: Por meio das razões eu não posso conhecer as coisas. Nega a possibilidade de o sujeito conhecer o objeto Ex: Cores – Precisamos de exames.

Dogmatismo: Dogma, doutrina, princípios já estabelecidos.

Subjetivismo: O modo como o sujeito aprende o objeto; Ex: O homem é a medida de todas as coisas, das que são enquanto são e das que não são enquanto não são. Individualista: o conhecimento do objeto é verdadeiro para ele. Genérico: o objeto é valido não para ele, mas para todo o gênero humano.

Construtivismo- Criamos regras; abandona a ideia clássica de um modelo realista; Se a natureza tem regras internas de funcionamento, elas são vedadas ao homem.

Criticismo- Critica é a análise que será feita da razão, para se verificar em que medida ela é capaz de conhecer e que tipo de conhecimento ela é capaz de elaborar sobre o assunto. A razão como critica da própria razão. Criticar sua parte pura na produção do conhecimento.

Filósofos:

Kant- Congrega elementos tanto do empirismo quanto do realismo; critica a sua parte pura na produção do conhecimento. Juízo Analítico: Analisa determinado sujeito e o Sintético produz uma relação ou julgamento que não esta no sujeito. Espaço e tempo (temporal é ver uma coisa antes e outra depois) não são realidades externas, próprias às coisas, mas são próprios ao homem na apreensão dessas realidades. O mundo é dividido em dois, o das coisas em si e o mundo dos fenômenos; O mundo das coisas em si não seria possível de alcançar; Fenômeno: o modo próprio de o homem aprender o mundo seria



Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.

Técnica Vocal com praticas de solfejos.

Pratica Instrumental: Cordás, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)

Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-

Fone: 3841-2361 ou 981364821

enquadrando espaço temporalmente a matéria bruta sensível; A relação de causa e efeito é própria do homem se relacionar com os acontecimentos. O conhecimento se dá apenas em relação aos fenômenos, a coisa em si não é cognoscível ou conhecido;

Fenomenalíssimo: A palavra fenômeno significa aparição; O homem pode ter acesso às coisas externas exatamente do modo como elas são. A verdade se caracteriza como correspondência entre aquilo que afirmo e aquilo que foi afirmado; Podemos sim conhecer a natureza mas não como coisas em si, mas segundo o modo como elas se apresentam a nós como fenômeno, ou seja, como a apreendemos, de modo organizado no espaço e no tempo.

Idealismo: Realidade que é apresentada à consciência; Por não ter acesso ao que esta na consciência, toda a realidade se resume apenas ao que acessível à consciência, a qual passa a ser, então, critério de determinação do existente ou não e do modo de existência; O eu é igual ao eu; Critério de determinação da verdade: aquilo que é afirmado sobre qualquer contradição; sem contrariar princípios lógicos;

Berkeley. O homem é uma tabua rasa, uma pagina em branco, vazia de conteúdo e de conceitos. Nascemos com a potencialidade para adquirimos conhecimentos; A relação entre ser e o perceber; Só tem o estatuto de ser o que é passível de ser percebido; Na terminologia idealista o ser é o que esta na consciência, e é impossível conhecer o que nela não está.

Pragmatismo- Pragma de práxis ou ação; O conhecimento estaria sujeito a ação; A ação direciona ao conhecimento; Sujeito a verdade à utilidade do conhecimento; O que passa a regular o discurso é certa utilidade. Não é possível afirmar a verdade; A busca da verdade vários modelos investigativos se sucedem como, por exemplo, o realismo, o idealismo, o fenomenalismo; a própria concepção de verdade se altera. Os sofistas e sua renuncia a verdade: o discurso a serviço de vantagens, seja no campo politico ou em alguma outra esfera; uma boa construção discursiva pode gerar vantagens e, conseqüentemente, bem



Cursos Livre de Música: Educação Musical, Estrutura, Harmonia, Percepção, História da Música e Filosofia Musical.

Técnica Vocal com praticas de solfejos.

Pratica Instrumental: Cordás, Madeiras, Metais e Percussão (Solo e Conjuntos)

Professor: Elizeu Monteiro de Oliveira-

Fone: 3841-2361 ou 981364821

estar. Gerar a verdade para gerar bem estar; A verdade deixa de ser o fim da investigação e se torna meio para uma pratica qualquer.

Filósofos

Protágoras – Relativização da verdade;

Górgias- dificuldade de poder sustentar a verdade sobre as coisas.

Bibliografia.

ABBAGNAMO, Nicola. Dicionário de Filosofia. Ed. Martins Fontes, 2002.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Iniciação à Filosofia. 1a ed., São Paulo: Ed. Ática, 2012.

HESSSEN, J. Teoria do Conhecimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.